



Jane reko rě jimoé'a Pesquisadores wajãpi

Caderno de Pesquisa n° 4
abril 2008

**Este Caderno de Pesquisa n° 4
do Programa de Formação de Pesquisadores Wajãpi
foi elaborado com patrocínio do IPHAN-MinC,
no âmbito do Plano de Salvaguarda Wajãpi (Convênio 00044/2006)**



Sumário

<u>Apresentação</u>	2
<u>Temas de pesquisa</u>	4
<i>Taivigwerã rewarã – pesquisando os antepassados</i>	6
1. Jawapuku (Kwapo'ywyry)	
2. Karike (Manilha/Karavövö)	
3. Japu (Okora'yry/Pypyiny)	
<i>Jikoakua - resguardos</i>	12
4. Jawaruwa (Mariry)	
5. Marawa (Najaty/Mariry)	
6. Kuripi (Ytape)	
<i>Jipoanõa - tratamentos e cuidados</i>	18
7. Pasiku (Mariry)	
8. Sava (Mariry/Yvyrareta)	
9. Saky (Arimyry/Mariry)	
10. Serete (Mariry)	
11. Janaima (Tajau'ywyry)	
<i>Jikuapa - sinais</i>	26
12. Patire (Ytape/Pypyiny)	
<i>Temitãgwerã - plantas da roça</i>	28
13. Rosenã (Okakai/Mariry)	
14. Japukuriwa (Ytape)	
15. Ana (Pairakai)	
16. Marãte (Kwapo'ywyry)	
17. Nazaré (Kwapo'ywyry)	
<i>Yvyra rewarã - pesquisando árvores e seus usos</i>	36
18. Kupaenã (Tajau'ywyry)	
19. Jatuta (Mariry)	
<u>Quem são os pesquisadores wajãpi</u>	40
<u>Aprendendo com pesquisa</u>	45
<u>O Programa de Formação de Pesquisadores Wajãpi</u>	47
<u>Como foi feito este caderno de pesquisa</u>	49

Apresentação

Em 1996 os chefes começaram a ficar preocupados com os nossos conhecimentos e práticas culturais porque os jovens estavam se interessando muito pelos conhecimentos e jeito de viver dos não-índios. Os chefes pensaram que precisava um trabalho para o fortalecimento cultural Wajãpi. Os chefes pediram apoio para o lepé, e juntos tiveram a idéia de fazer formação de pesquisadores Wajãpi. Então os chefes escolheram 20 jovens de 11 aldeias para participarem do 1º encontro de pesquisadores Wajãpi, que aconteceu em janeiro de 2005 quando fizemos também pela primeira vez pesquisas de campo. Em 2005 também teve a 1ª oficina de pesquisadores e o 1º curso de formação básica. Em 2006 tivemos a 2ª e 3ª oficinas e pesquisa, o 2º curso de formação básica e teve também o primeiro acompanhamento de pesquisadores nas aldeias.

Em 2007 aconteceu a 5ª oficina de pesquisa e a 2ª etapa de acompanhamentos. Também em 2007 alguns pesquisadores participaram do Seminário "Experiências Indígenas de pesquisa e sistematização de conhecimentos tradicionais" na Fortaleza São José de Macapá, que nos chamamos *Mairi*.

No primeiro encontro de pesquisadores, cada pesquisador escolheu um tema diferente e importante para pesquisar. Por exemplo: jeito de conhecer a roça, jeito de curar as doenças, jeito de se comunicar, narrativas, jeito de fazer resguardo, jeito de fazer construção, jeito de fazer trocas, jeito de conhecer as árvores.

Cada pesquisador fez um planejamento de perguntas para sua pesquisa. Conversamos primeiro com vários chefes (*jovijãgwerã*), gravamos, fazemos transcrições e anotações das entrevistas.

Depois nós organizamos e sistematizamos as informações da pesquisa. Depois escrevemos textos com o resultado das pesquisas, em língua Wajãpi e em português.

Durante os acompanhamentos vamos para aldeias distantes para conversar com *jovijã* que moram muito longe. Até agora já conversamos com mais ou menos 30 chefes (velhos e velhas) e algumas pesquisas estão quase concluídas.

Durante as oficinas nós fazemos pesquisas coletivas, como sobre a nossa organização social, que queremos fortalecer (*jane reko mokasia*). Nas oficinas fazemos atividades para aprender a sistematizar os conhecimentos, a fazer explicações detalhadas e explicações gerais, aprendemos a fazer interpretações e reflexões e a fazer aparecer as teorias dos Wajãpi.

Nas oficinas nós também aprendemos a fazer tradução. Nós aprendemos que não podemos traduzir uma palavra de uma língua com uma palavra de outra língua, porque por trás das palavras existem idéias diferentes. Aprendemos que para traduzir a lógica wajãpi para os não-índios, precisamos aprender a fazer explicações bem detalhadas.

A pesquisa é muito importante para nós. É importante porque queremos fortalecer a nossa história e a história dos nossos antigos. Também para ensinar e transmitir o conhecimento para nossos filhos e netos no futuro. A pesquisa serve para produzir materiais didáticos para a escola e livros de leitura para as aldeias. A pesquisa ajuda a organizar o conhecimento e também a comparar o jeito de viver entre os Wajãpi e outros grupos étnicos.

Serve também para explicar bem para os não-índios que trabalham com os Wajãpi, para diminuir o preconceito e para defender os interesses dos Wajãpi. A pesquisa serve para ajudar na política.

Texto elaborado coletivamente
pela turma de pesquisadores na 5ª oficina,
novembro de 2007

jane reko rã jimo' ea **jane reko kusiwarerã jimo'ea** **organização do conhecimento wajãpi**

Temas de pesquisa

Taivigwerã rewarã – pesquisando os antepassados

Jawapuku - *Tapererã rewarã*

Pesquisa sobre as capoeiras antigas existentes na Terra Indígena Wajãpi, para entender a história da ocupação desses locais pelos antepassados.

Karike - *Pirawiri wanã kô*

Pesquisa sobre as relações entre os grupos wajãpi conhecidos como Kumakary e Pirawiri wanã kô e as trocas que esses grupos costumavam fazer entre si.

Japu - *Yvy popy*

Pesquisa das concepções e conhecimentos dos Wajãpi sobre a "borda da terra".

Jikoakua - resguardos

Jawaruwa - *Tanõgarã*

Pesquisa sobre antigas práticas de resguardo dos rapazes.

Marawa - *Jimony'arã*

Pesquisa sobre o resguardo e os cuidados com as meninas-moças.

Kuripi - *Moju rewarã*

Pesquisa sobre os cuidados e resguardos relacionados à *moju*, dono das águas.

Jipoanõa - tratamentos e cuidados

Pasiku - *Moã ka'a porã*

Pesquisa sobre plantas da mata usadas para cura de doenças.

Sava - *Ka'a jarã pe'a*

Pesquisa sobre rezas que servem para proteger as pessoas dos donos da floresta.

Saky - *Marama rerõjiga*

Pesquisa diferentes tipos de reza para curar picadas de cobra, aranha, escorpião, dor de dente, dor de barriga, corte de machado ou terçado, etc.

Serete - *Jimõsímoa*

Pesquisa o uso do vapor em terapias de cura e de vingança.

Janaimã - *Janypa kusiwarã*

Pesquisa sobre os padrões de pintura corporal, seus usos e significados.

Jikuapa - sinais

Patire - *Moroparã rewarã*

Pesquisa os sinais reconhecidos pelos antigos para avisar a chegada de visitantes numa aldeia e se comunicar com os parentes.

Temitãgwerã - plantas da roça

Rosenã - *Temitãgwerã rao apisa*

Pesquisa sobre os diferentes tipos de pragas das roças e sobre receitas utilizadas pelos antigos para controlar essas pragas.

Japukuriwa - *Maní'y rerã kō*

Pesquisa sobre os diferentes tipos de mandioca cultivados pelos Wajãpi.

Anã - *Pajawaru*

Pajawaru é um tipo de caxiri. Pesquisa as formas de preparar (diferentes receitas) e as regras para consumir esse caxiri.

Marãte - *Mijarã posã rewarã*

Pesquisa "remédios de caça": quais são os ingredientes usados, como são aplicados os remédios, para que serve cada um etc.

Nazaré (Ajãreaty) - *Mynyju rewarã*

Pesquisa os vários tipos de algodão usados pelos Wajãpi, sua origem e seus usos.

Yvyra rewarã - pesquisando árvores e seus usos

Kupena - *Yvyra rewarã*

Pesquisa o conhecimento dos wajãpi sobre árvores da floresta – árvores altas e baixas, árvores mais duras, árvores com frutas comestíveis e não comestíveis etc.

Jatuta - *Vyva, paira rewarã*

Pesquisa sobre a origem dos diferentes tipos de arcos e de flechas conhecidos pelos Wajãpi e sobre as maneiras de fazê-los.

Taivĩgwerã rewarã

Pesquisando os antepassados

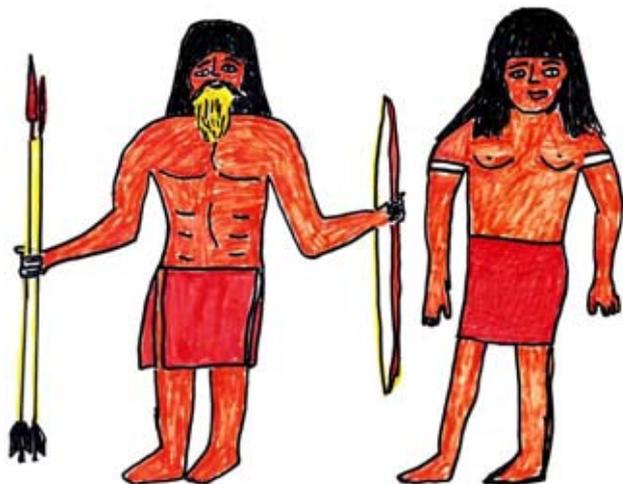
Jawapuku

Tapererã rewarã. Pesquisando as capoeiras dos antigos.

A minha pesquisa é sobre jeito de ocupar terra. Através dos relatos dos mais velhos quero descobrir onde estão as capoeiras de antigos Wajãpi.

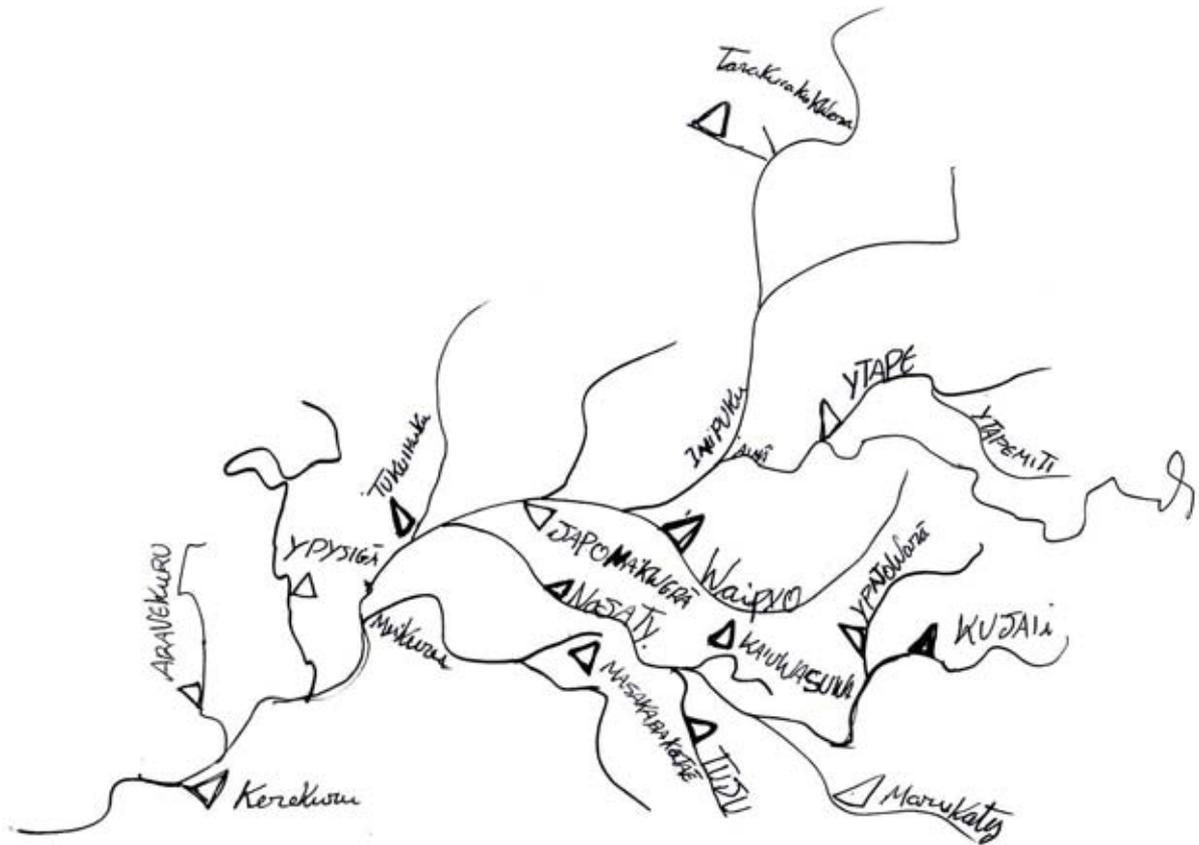
Eu estou pesquisando sobre as capoeiras para descobrir as histórias dos lugares e dos antepassados que fundaram essas aldeias antigas. Eu já descobri algumas capoeiras como *Waipy´o*. O chefe Meresõvã morava nessa aldeia que chamava *Waipyo*. Essa capoeira, por exemplo, eu não sabia que existia.

Eu aprendi com Ororiwa sobre a origem dos Wajãpi que vieram da aldeia *Tujujura´yry wryy*; aprendi com Tsaku sobre a origem dos Wajãpi que vieram de *Mairi* para morar na aldeia *Aravekuru*; aprendi com Matia sobre a origem dos Wajãpi que vieram de *Ysigu* para morar na aldeia *Porareko*; aprendi com a Kapu´a sobre a origem dos Wajãpi que vieram de aldeia *Masakarakâtãeyke*. Também aprendi com Sara sobre a origem dos Wajãpi que vieram de aldeia *Taveu*. Sara me contou que *Okakai* era aldeia do Wanaru. Aprendi com a minha mãe Pisika sobre origem do *Kumakary wanã*, que vieram de *Wajapuku* (região do rio Oiapoque); perguntei a Pororipa sobre origem dos Wajãpi, mas ela não sabia contar de onde os Wajãpi vieram; aprendi com Jasitu sobre a origem dos Wajãpi que vieram de *Ypysiga*; perguntei para Karota sobre a origem dos Wajãpi, mas ela não sabia contar porque ela esqueceu tudo que aprendeu com seu pai.



Tamõ Kajera e sua esposa

Eu quero fazer mapas. Quero entrevistar todos os Wajãpi mais velhos. Minha pesquisa vai ser muito importante para nós Wajãpi, porque nem todos os jovens sabem sobre as capoeiras e as histórias de ocupação das aldeias antigas. Nós jovens não sabemos porque os Wajãpi ocupavam muitos lugares diferentes. Agora eu já descobri porque os Wajãpi não moram no mesmo lugar.

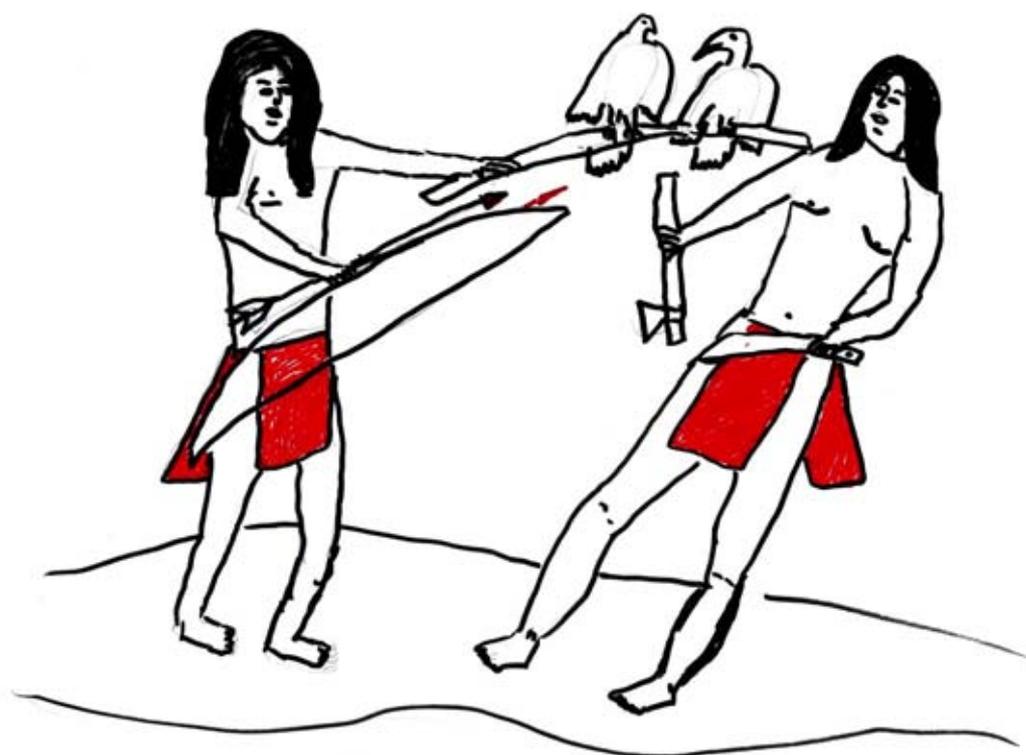


Quando não tem mais recursos naturais (palha para casa e utensílios, caça e lugares adequados para a roça) por perto da aldeia, ocorria a mudança para outro lugar. A minha pesquisa é sobre esse jeito de ocupar a terra.



Pirawiri wanã. Encontros e trocas entre grupos wajãpi.

A minha pesquisa é sobre os encontros e trocas dos Wajãpi do Brasil com os Wajãpi que hoje vivem na Guiana Francesa e que nos chamamos *Wajapuku wanã* (o grupo do rio Oiapoque) e *Pirawiri wanã* (o grupo do igarapé Pirawiri). Antigamente *tamõ kô* (nossos avôs) não tinham terçados, não tinham machados. *Wajapuku wanã* já usavam terçados e outras ferramentas nessa época. É por isso nossos avós foram encontrá-los.



Levavam diversos utensílios que usavam no dia-a-dia, animais e outras coisas para trocar. Daí, eles trouxeram essas ferramentas e ficou mais fácil de trabalhar. Antes, *tamõ kô* só usava *kurumuri marija* (lâmina de taboca) para cortar caça. Eu descobri muitas coisas que eu não sabia. Por exemplo:

Artefatos que os Wajãpi usavam antes de trocar com *Pirawiri wanã*

1. *takuru jyy*: machado de pedra
2. *kurumuri marija*: faca de taboca
3. *pina so'o kagwerã*: chifre de veado para fazer anzol
4. *yvyrasa*: tipo de borduna bem afiada, para guerra
5. *yjy turuwa*: panela de argila
6. *nimo kamisa*: tecido de fio de algodão
7. *kwata serekwerã*: cabeça de coamba para fazer colher
8. *korapajã tata'y*: casca de árvore para ascender o fogo
9. *jokyry*: sal, tira o açaizal e queima para fazer cinza.
10. *takuru kyrykyry*: lima de pedra
11. *parakaru'a po'yry*: sementes para fazer miçanga
12. *yywaruwaromõ*: cuia com água, que servia de espelho
13. *akusiraigwerã*: dente de cotia para plainar arco e flecha.
14. *yjy parapi*: prato de barro
15. *kuruwa pinasa*: linha com fibra de curuá para pescar trairão

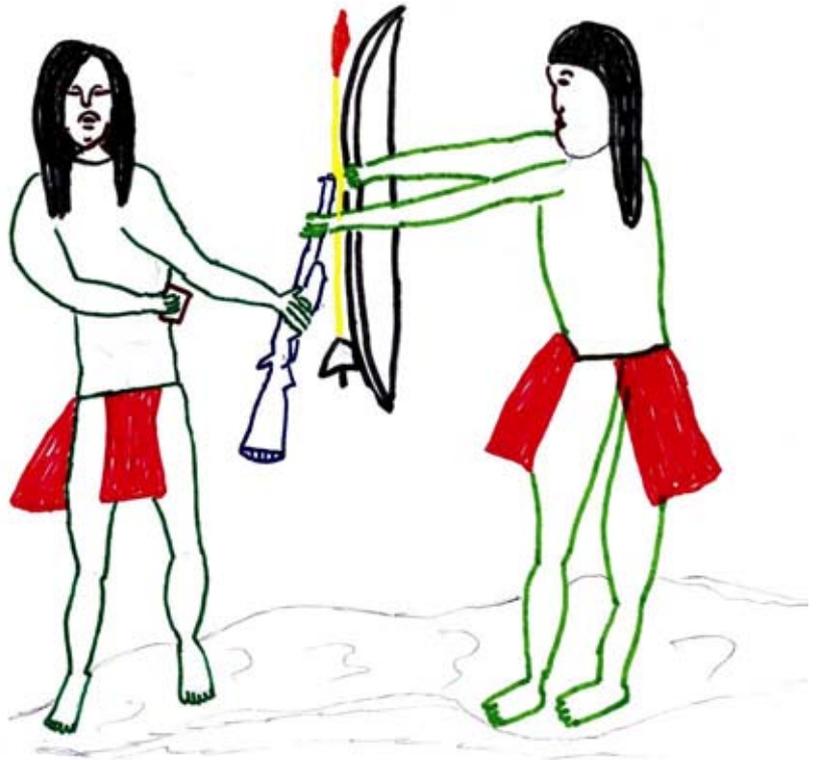
Artefatos que passaram a usar depois do "encontro":

1. *saa*: terçado
2. *jyy*: machado de ferro
3. *marija*: faca de metal
4. *pina*: anzol de metal
5. *purure*: enxada
6. *patu*: panela de ferro ou alumínio
7. *kamisa pirã*: pano vermelho
8. *kuje*: colher
9. *paritu*: fósforo
10. *rima* ou *rykyry*: lima
11. *mo'yry*: miçanga
12. *marija kuti*: canivete
13. *parapi*: prato de louça ou ágata

Ainda não terminei minha pesquisa.

Fiz planejamento para continuar, e descobrir: quem eram os chefes de *Pirawiri wanã*, como chamavam as suas aldeias, com quem *Pirawiri wanã* conseguiam pano vermelho, onde eles conseguiam machados. Também quero saber quem foram os primeiros Wajãpi do grupo *Pirawiri wanã* que vieram casar com nossos avós e quais Wajãpi daqui foram morar lá.

E preciso descobrir quando pararam as trocas com *Pirawiri wanã*.



Yvy popy. Como os Wajãpi conheceram a borda da terra.

Minha pesquisa é sobre o conhecimento trazido pelos mais velhos, a respeito dos ancestrais que foram conhecer onde a terra termina, a borda da terra. Eu pesquiso os relatos contados pelos mais velhos sobre essas viagens, quando nossos antepassados queriam conhecer a borda da terra.



Os relatos contam que os ancestrais conseguiram chegar até *yvy popy* (a borda da terra). Mas não foi uma viagem fácil.

Quando eles chegaram perto da borda da terra, comeram o que a gente chama de *kwaripapa* e que os não-índios chamam de sarapó. Os do grupo *jane anã* comeram *kwaripapa* e os olhos deles ficaram fechados e nem conseguiram andar. Os outros, que já sabiam que o sarapó fazia mal para olhos, não comeram. Depois, os viajantes foram se amarrando num cipó, mas o cipó de repente quebrou e, aí os do grupo *jane anã* viraram queixadas. Os outros voltaram. Eram só três.

Quando a gente anda pelos domínios dos donos da floresta, temos que usar proteção para passar pelos seus caminhos. Quando aqueles ancestrais não usaram proteção, eles não conseguiram passar por esses caminhos. Para se proteger de guariba, que joga coco nas pessoas, a proteção é assim: trança uma folha de bacabeira para colocar na cabeça.

Havia muitos donos da floresta, vários perigos no caminho e, por isso, muitas pessoas morreram.



jikoakua resguardos

Jawaruwa

Tanōgarerã. Como se fazia o resguardo dos rapazes.

O meu avô cacique Waiwai me contou e explicou sobre *tanōgarerã*. É assim. Foi antigamente, quando Janejarã vivia no meio de *taivígwerã*, os antepassados, porque ele era o dono deles, ele quem fez *taivígwerã*. Por isso, Janejarã pensou sobre como os jovens ficariam fortes se alguma guerra acontecesse. Ele chamou os rapazes e deu redes *ini* novinhas para esses *tanōgarerã* deitar, e fazer resguardo durante três dias. *Tanōgarerã* não podem deitar em redes velhas, nem podem usar flechas e arcos velhos, só podem sar coisas novas.



Tanōgarerā também recebiam muitas ferroadas de formigas *tapija´i*, pelos mais velhos. Eles prestavam muita atenção quando os pais deles conversavam, e aprendiam. Por isso até hoje conhecemos as histórias. Mas quem não quer ouvir as conversas e dorme cedo, depois não vai passar nada para os filhos e netos.

Fazia esse resguardo quando o rapaz tinha 14 anos. Quando o menino muda a voz, quando a voz dele fica grossa e o peitinho dele fica crescendo pouquinho e dói quando a gente pega, já sabemos que ele virou adulto. É nesse momento que ele tinha de fazer resguardo.

Depois os rapazes faziam corrida nas montanhas altas para perder peso. Eles gostavam muito de se ferrar com formigas tocadeiras para serem bons caçadores. Também não comiam coisas pesadas. Tinha uma festa especial para ferrear os *tanōgarerā*, mas depois se perdeu, por causa das guerras. Do tempo de *tamō* Kajera, parece que *tamō kō* deixaram de fazer o resguardo dos rapazes, porque tinha muita briga.



Mas meu avô Waiwai foi como *tanōgarerā*, por isso ele ainda está vivendo, ele se cuidava muito, acreditou muito nas palavras dos pais dele. Ele era um bom caçador, ele caçava com flecha e arco. Este texto é do meu avô Waiwai, por que ele que contou para eu escrever.

Hoje, quem quiser continuar esse resguardo dos rapazes, tem de experimentar com o filho e neto.

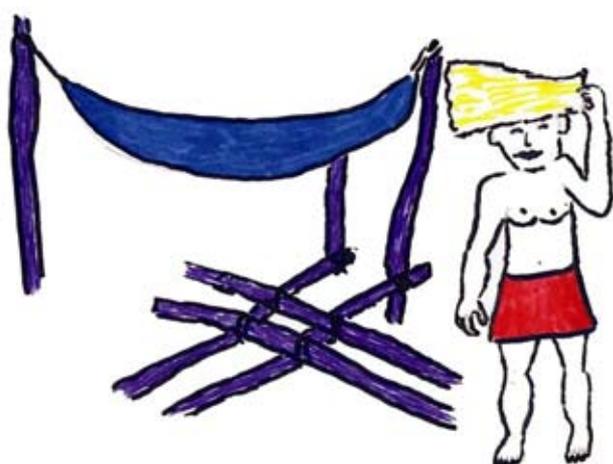
Ojimonya ma'ẽ. Cuidados e resguardo da menina-moça.

Minha pesquisa é sobre o jeito de cuidar da moça wajãpi, quando ela menstrua pela primeira vez.

Quando a moça fica menstruada pela primeira vez, tem que repousar e fazer resguardo. Nessa situação é a mãe quem cuida dela. Se a mãe não cuidar da moça podem acontecer coisas ruins para ela. Por isso que a mãe tem que conversar com ela sobre coisas perigosas e a moça cumprir o resguardo.

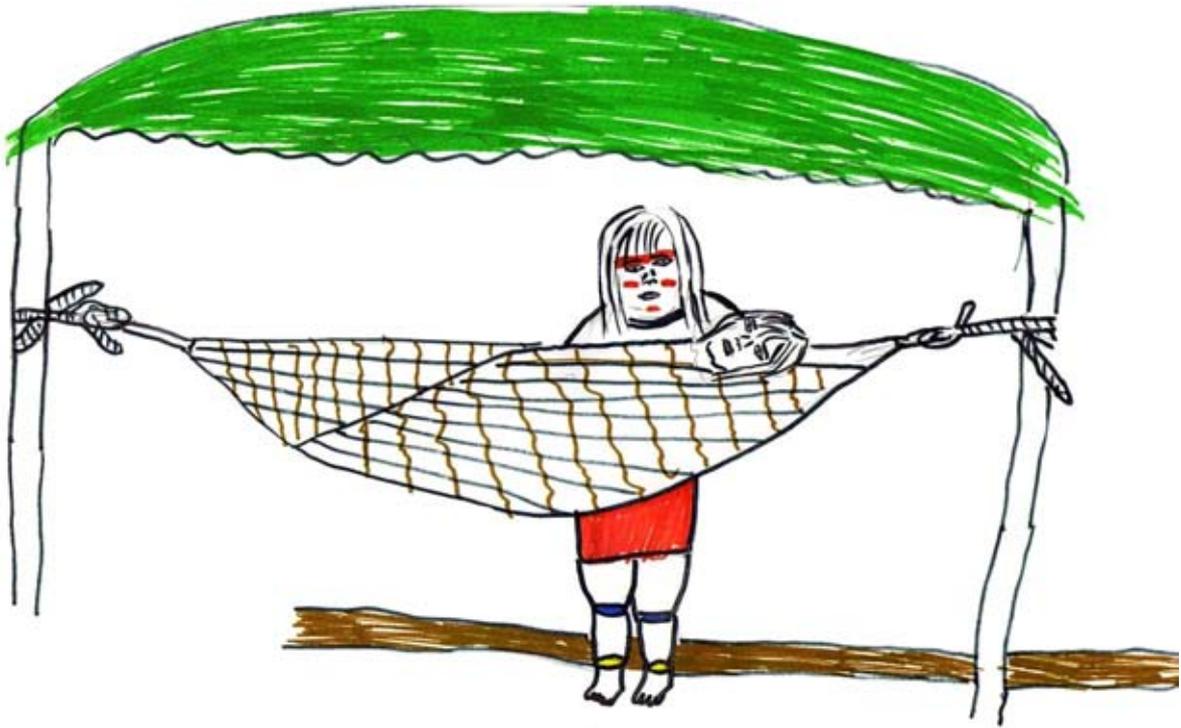


Primeiro, quando a moça fica menstruada, a mãe amarra a rede dela bem alta, embaixo da casa, e a moça tem que repousar durante 5 dias. Ela não pode trabalhar, senão vai ficar enrugada. Se ela fica sorrindo, ela também vai ficar enrugada. Ela não come qualquer comida como, por exemplo: anta, jabuti, caititu; ela pode comer alguns tipos de peixe, por exemplo: *pikyry*, *tare'yry*. E comer carne de aves como *sui*, *jakami* e *mytõ*. Ela nem pode tomar água. Não pode tomar caxiri azedo, só caxiri doce. Ela come beiju fino.

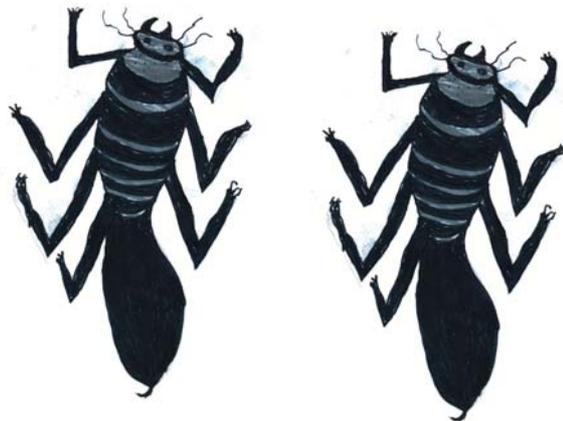


Ela não pode gritar com os parentes senão vai se acostumar a gritar com as pessoas. Não pode também pensar em qualquer coisa como, por exemplo, namoro, ou fofocas. Se ela fica pensando em fofocas, ela vai virar fofqueira.

A moça não dorme de manhã cedo e nem de tarde. Não pode andar no sol e nem tomar banho no rio. Ela não pode andar no chão, só em cima do pau. Mas ela tem de usar um chapéu na cabeça, não pode tomar sol.



Depois de cinco dias ela desce da rede. O pai ou avô vai pegar *tapija í*, um tipo de formiga, para ferrar a moça. Também, os mais velhos batem nela com *myrysi wasu ro´a*, a folha de miriti, para ela não ficar velha e não ficar preguiçosa. A mãe dela bate com um tipo de folha.



Se a moça não faz resguardo, ela vai ficar velha rápido. Eu ainda tenho que aprender mais coisas sobre esse tema. Eu já aprendi um pouco, conversei com cinco pessoas. Eu vou continuar conversando com os mais velhos. Por enquanto, eu ainda escrevi poucas coisas.

***Moju rewarã.* Pesquisando como se cuidar de Sucuri, dono das águas.**

O tema da minha pesquisa é sobre os cuidados que a gente tem que ter com *moju*, que é sucuri, dono das águas. Temos que tomar vários cuidados em diferentes situações para que *moju* não nos ataque e nem ataque nossas crianças.

Sobre esses cuidados, Paranawari me contou:

Antigamente o rapaz quando estava com filho recém-nascido não tomava banho no rio. Nem podia visitar os parentes. Somente a mãe podia visitar o rapaz para cuidar do filho. Só podia ver o pai, irmãos e cunhados depois de dois meses. Só depois de dois meses é que pode conversar com pai, irmão e cunhado.

Nem o pai nem a mãe do recém nascido, podem tomar banho no rio. Se a mulher tomar banho no rio pode acontecer muitas coisas com ela. *Moju* pode vê-la, dar tipo de espelho para ela olhar. Ela pode ficar doente, doida e morrer.

Então eu descobri muita coisa, e agora sei que, quando um homem wajâpi está com filho recém-nascido, ele não pode tomar banho no rio. Ele não pode ficar junto das pessoas, somente perto da esposa e dos filhos. Os chefes falaram que se isso não for cumprido, o espírito de sucuri pode pegar a alma da criança ou as almas dos pais e das pessoas que moram perto deles. Por isso o pai sempre fala para o filho quando está com filho recém-nascido: "você não pode tomar banho no rio!".

A mulher sempre que está no período menstrual, também tem que fazer resguardo e não pode tomar banho no rio, pois o espírito de sucuri pode pegar a alma dela e ela pode ficar doida. A moça, quando fica menstruada pela primeira vez, também tem que fazer resguardo, senão *moju* vai aparecer para ela como um rapaz jovem e bonito. Ele vai seduzi-la e ela vai segui-lo e não vai voltar nunca mais.

Também não podemos tratar a caça, como guariba, caititu, perto do rio. Isso também é muito perigoso. A caça deve ser tratada longe dos rios e igarapés.

Eu descobri que existem remédios da mata para cuidar desse tipo de problema, quando a pessoa quebra essas regras.



Todas essas coisas que eu não sabia antes de fazer minha pesquisa eu descobri com os chefes. Se nós não respeitarmos essas regras, podem aparecer muitas doenças e coisas ruins para a gente. Hoje em dia nós, Wajãpi, não respeitamos todas essas regras. Por isso estou pesquisando sobre isso, para fortalecer esses conhecimentos para que sejam transmitidos de geração em geração.

Estou pesquisando esse tema também para os não-índios respeitarem mais a nossa cultura. A pesquisa vai ser como um livro, que nós vamos distribuir para as escolas wajãpi e para os *karai kô* que trabalham na Terra Indígena Wajãpi.



jipoanõa

tratamentos e cuidados

Pasiku

Moã ka'á porã. Remédios do mato.

Minha pesquisa é sobre remédio do mato. Antigamente, meu avô sempre usava remédio do mato.

Existem vários tipos de remédios do mato para vários tipos de problemas, como diarreia, febre, dor de cabeça, picada de cobra... Por exemplo: tem um tipo de árvore que é usado para melhorar a febre. A gente tira a casca, põe para cozinhar e depois toma banho com esse preparo.

Antigamente nossos avós usavam muito remédio do mato. Se alguém estava com diarreia, alguém ia procurar o remédio certo, voltava pra aldeia, raspava a casca, colocava para cozinhar e dava pra a pessoa tomar.

Se a filha de um avô tivesse febre, ele saía procurar remédio no mato. Voltava com o remédio, para ferver e dar banho na filha.

Hoje nós continuamos a usar esses remédios do mato. Minha pesquisa é para nós, Wajãpi, não esquecermos esses conhecimentos.



***Ka'a jarã pe'a.* Rezas para se proteger dos espíritos da floresta.**

O tema da minha pesquisa é sobre rezas para espantar animais perigosos como onça, sucuri e os espíritos da floresta. Eu quero descobrir essas diferentes rezas que os velhos conhecem.

Eu já aprendi várias rezas, que antes não sabia. Agora, eu uso essas rezas para espantar onça, cobra e sucuriju. Na verdade, a reza não espanta a sucuriju, a onça, a cobra, mas os seus espíritos.

Essas rezas não podem ser usadas de qualquer jeito. Se a gente reza muito, pode espantar outros animais de caça, como o caititu, cutia, etc. Se a gente não reza direito, não adianta... Por isso tem que prestar muita atenção para não errar. E não pode cantar essas coisas dentro da aldeia.

Quando a gente tem filho pequeno e que não podemos atravessar um rio ou igarapé, a gente pode usar uma reza para espantar os espíritos e poder atravessar.

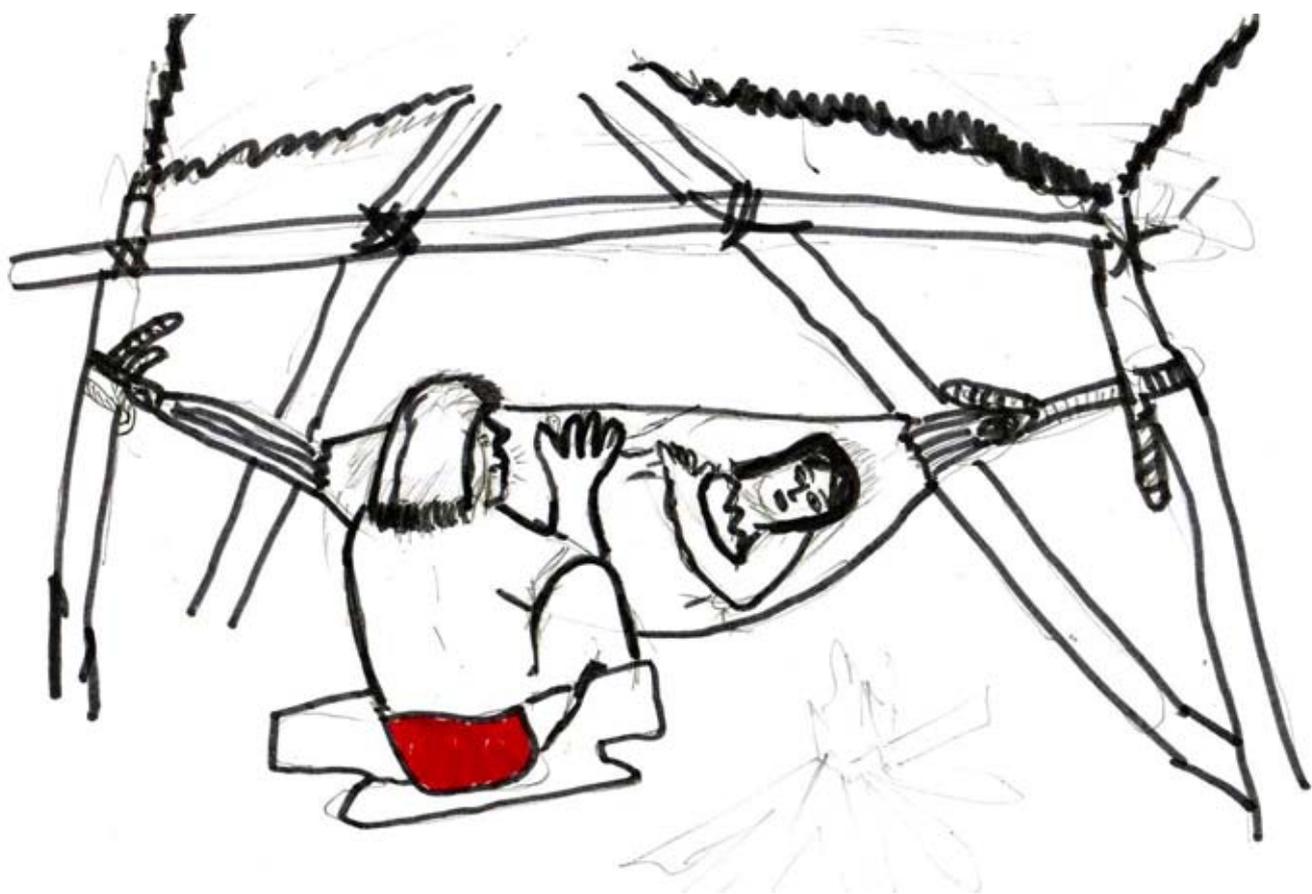
Certa vez, quando tive que dormir muito longe na floresta, usei uma dessas rezas antes de dormir. Porque, quando você dorme sozinho na mata, você pode usá-las para dormir tranquilo e não encontrar esses donos da floresta, esses espíritos que fazem barulhos. Quem sabe dessas coisas são os velhos e aprendo com eles.



***Marama rerōjiga.* Rezas de cura.**

A minha pesquisa é sobre tipos de rezas para vários tipos de problemas, como:

- picada de cobra
- dor de dente
- dor de barriga
- corte de machado
- corte de terçado
- picada de aranha
- picada de escorpião
- picada de formiga tocandeira

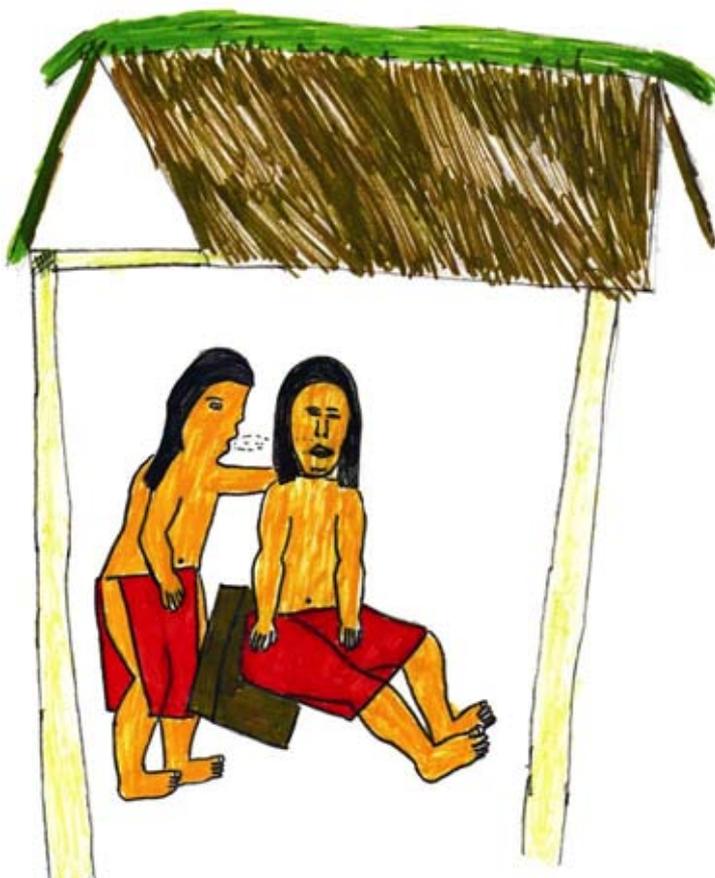


Eu quero descobrir com os chefes as diferentes rezas que existem, pois é muito importante valorizar essas rezas, para usar para não depender somente dos remédios e terapias dos não-índios.

Essas rezas são muito difíceis de gravar na memória. Os chefes rezam muito rápido. Por isso, primeiro gravei essas rezas com o gravador, fiz a transcrição das fitas para depois escrever no meu caderno. Eu anoto também as explicações dos velhos sobre essas rezas.

Pesquisando esse tema acabei descobrindo outras coisas, como os cuidados que a pessoa e seus familiares tem que tomar quando acontece picada de cobra, porque não é somente a pessoa picada que faz resguardo.

Principalmente os irmãos da pessoa são quem têm que fazer resguardo. Os irmãos geralmente fazem resguardo durante dois meses para que a pessoa possa melhorar rápido.



Quando a cobra pica uma pessoa, a gente canta para curar. Não pode cantar bem forte. Tem que cantar devagar. E, cuidado, não é qualquer pessoa que pode cantar.

Quem está com mulher grávida não pode cantar. Senão a dor da pessoa que é picada por cobra vai aumentar cada vez mais e ela vai ficar toda inchada. Quem não tem esposa grávida é que vai cantar e curar. Depois de cantar e curar não pode comer qualquer comida.

Eu ainda não sei tudo sobre esse assunto, por isso vou continuar pesquisando para aumentar meu conhecimento.

Serête

Jimosimoa. Curas com vapor.

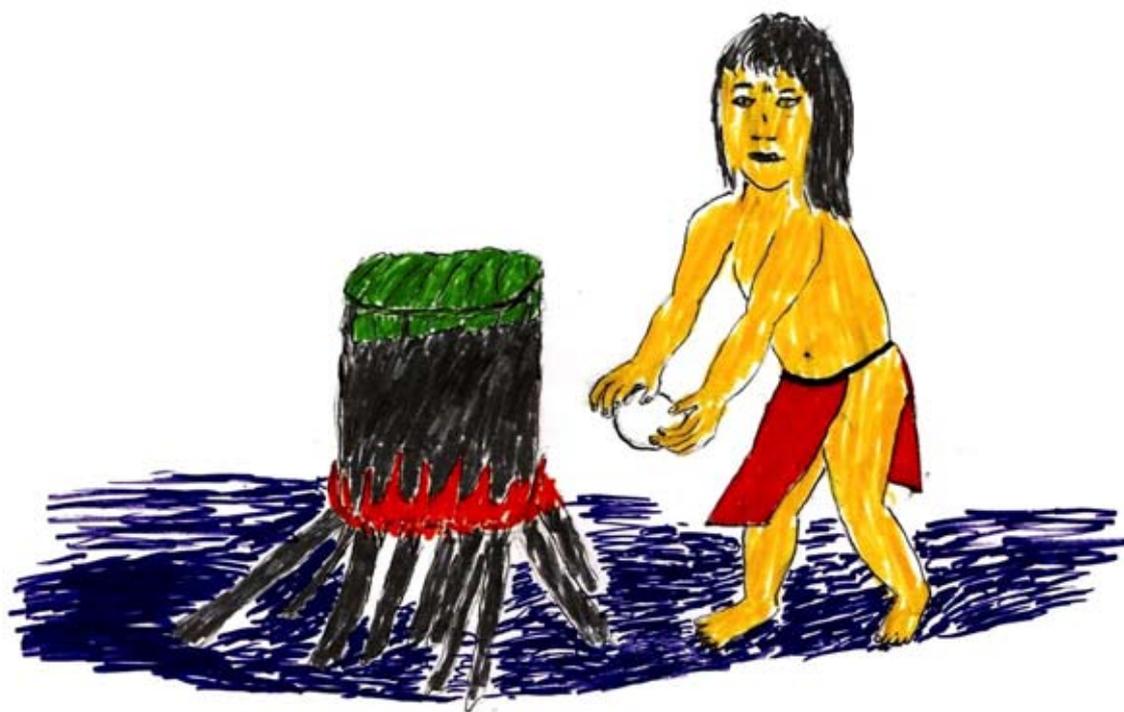
Minha pesquisa é sobre as terapias com vapor para cura e vingança. Essas terapias são usadas nos cuidados com o corpo de uma pessoa doente e também quando se cuida do corpo de quem morreu. Isso a gente usa porque em alguns casos é necessário vingar a morte de uma pessoa.

Para vingar uma pessoa que morreu, primeiro a gente junta os tipos de remédio e coloca dentro de uma panela de barro: um tipo de pedra muito especial para os Wajâpi, broto de banana, broto de flecha, broto de taboca, folha amarela, broto de espinho, folha de maniva. Isso é um tipo de *moa* (remédio) para passar no corpo do morto. A gente faz essa cura com vapor quando percebe que alguém matou a pessoa.

Mas o vapor serve também para curar doença. Tem que fazer o vapor na hora certa às 6:00 horas e à meia noite, duas vezes. As crianças não podem andar depois dessa terapia, se não elas podem pegar o mal pelo vento e morrer. Antigamente, nossos avós aprenderam essa terapia com *tamõ* Tavea.

Eu aprendi muitas coisas dentro da minha pesquisa. Aprendi os tipos de remédios. Eu aprendi sobre os tipos de pedra. Eu aprendi sobre os cuidados com o morto.





Janypa kusiwarã. Pintura corporal com jenipapo.

A minha pesquisa é sobre *janypa kusiwarã*, pintura corporal com jenipapo. Eu quero descobrir muitas coisas sobre esse tema como: quais as pinturas que os Wajãpi mais usam, quais pinturas as crianças não podem usar, quais pinturas nossos avôs usavam e que nós não usamos mais. Estamos esquecendo algumas pinturas?



Antes eu não sabia fazer pintura corporal com jenipapo e também eu não sabia a origem dos *kusiwarã*. Os jovens quase não sabem fazer pintura e os velhos não querem que nos deixemos de usar *janypa kusiwarã*. É por isso que estou pesquisando esse tema.

Com a pesquisa descobri as origens de alguns padrões e também quais pinturas são mais usadas pelos homens e pelas mulheres. Quando eu organizei a minha pesquisa, fiz uma tabela bem organizada no meu caderno e depois eu anotei as informações na tabela que fiz. Também fiz um roteiro de pesquisa para usá-lo para entrevistar os velhos.

É assim:



- Por que os wajãpi se pintam?
- Por que quando faz resguardo não pode pintar?
- Quais padrões os Wajãpi estão esquecendo?
- De onde os Wajãpi aprenderam cada padrão?
- Por que em cima da pintura de jenipapo passa resina *sipy*?
- Como prepara o jenipapo para ficar bem preto?
- Como prepara o corpo antes de pintar?
- Qual pintura usa em cada parte do corpo?
- Quem pinta quem?
- Quem não pode se pintar?
- Por que pinta com urucum?
- Quando não pode pintar com urucum? Por que?

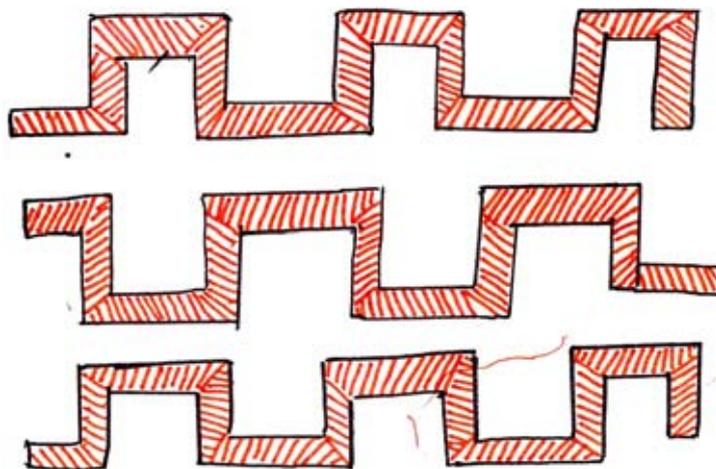


A gente se pinta com urucum, e depois com jenipapo em cima do urucum. Mas antes de pintar com jenipapo não pode se banhar, senão o jenipapo não vai ficar bem preto. Também a gente não se pinta escondido dos avós, da mãe e do pai. Quando a gente está com filho recém-nascido, o pai da criança não pode se pintar. Se ele se pintar com jenipapo o espírito do jenipapo vai ver a criança, e vai deixá-la doente. Depois que o filho está com um mês a pessoa pode se pintar. Também a gente pode passar o *sipy*, um tipo de breu branco, em cima do jenipapo, porque o *sipy* é bem cheiroso.

Existem padrões que as mulheres não podem usar. Por exemplo, *uruwayivikwarerã*. Se a mulher usar, na hora do parto a criança não vai nascer.

Apreendi também que não se podem misturar certos padrões na pintura do corpo como, por exemplo: a pintura de jibóia no meio do padrão *pirākagwerã* (espinha de peixe).

Eu vou pesquisar todos os *janypa kusiwarã* e aqueles que os Wajãpi estão esquecendo. Quero entender porque não estão usando sempre.



jikuapa sinais

Patire

Moropara. Jeitos de perceber sinais.

Minha pesquisa é sobre vários tipos de sinais percebidos pelos Wajãpi. Esses sinais são avisos que alertam que alguma coisa vai acontecer, como por exemplo, quando pessoas de outros grupos (*wanã*) vêm visitar uma aldeia.

Antigamente não tinha rádio, mas somente esses tipos de sinais. Por exemplo: existe um tipo de abelha que alerta quando alguém vai chegar em uma aldeia. O sinal entra na casa e avisa a dona da casa sobre a chegada de outras pessoas. O tucano também avisa quando outras pessoas vão chegar. Quando o tucano canta de manhã cedo, a dona da casa já fica sabendo que vão chegar outras pessoas na sua aldeia.



As vezes alguma coisa entra na casa e não se sabe o que é, ai perguntamos para outras pessoas, que explicam se é um sinal e o que vai acontecer. As vezes não sabe do que é o sinal, e não sabe o que vai acontecer. Mas quando as pessoas chegam na aldeia, ai entende que aquilo era um sinal da chegada deles.

Mas tem muitos sinais diferentes. Minha pesquisa ainda não terminou. Eu vou continuar a entrevistar os velhos.

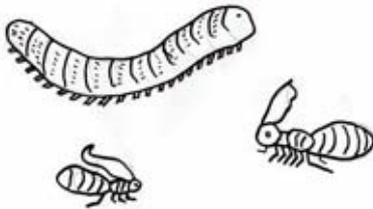


temitãgwerã plantas da roça

Rosenã

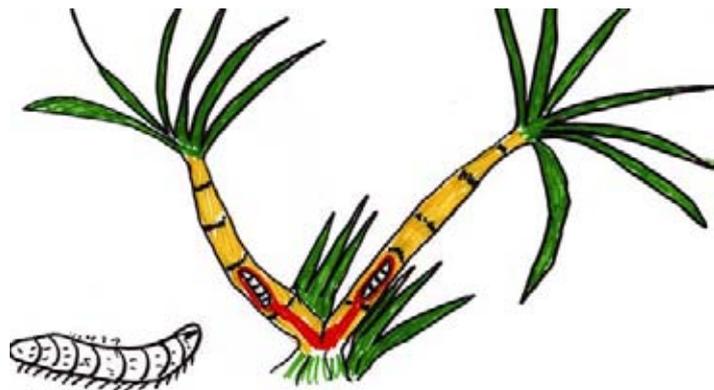
Temitãgwerã rao apisa. Jeitos de controlar as pragas da roça.

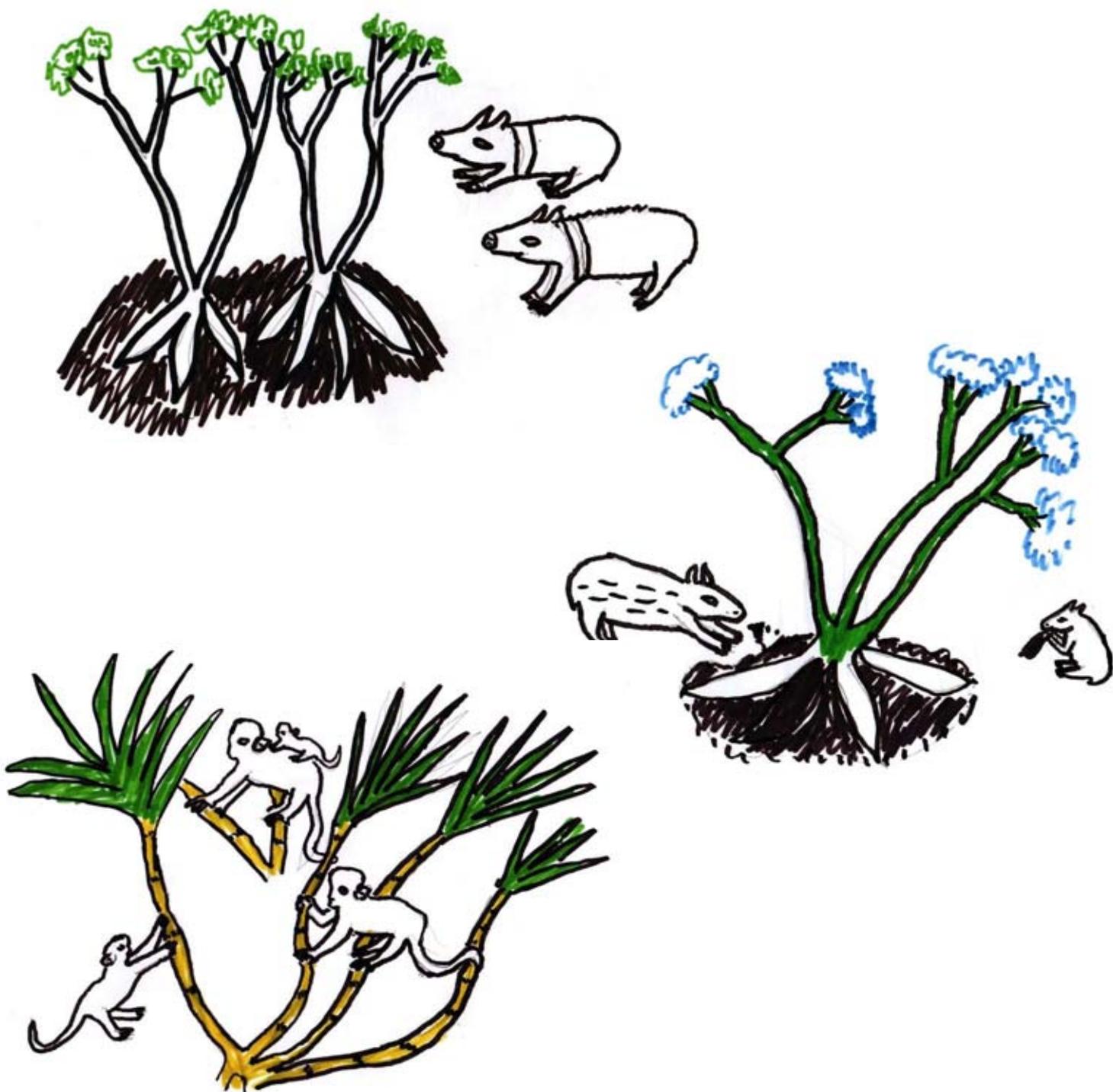
Minha pesquisa é sobre as pragas que aparecem nas roças. Eu quero descobrir como antigamente os Wajãpi matavam as pragas que atacam as plantas e quais plantas eram atacadas.



Eu vou entrevistar muitos idosos, para eles contarem para mim, pois atualmente os Wajãpi quase não usam venenos dos antigos para matar e controlar pragas. Os Wajãpi estão esquecendo quase todos os venenos dos antigos e estão usando somente venenos dos não-índios, só para matar saúva.

É por isso que eu pesquiso os jeitos dos antigos de controlar as pragas na roça. Gostaria de voltar a usar os venenos dos Wajãpi para matar as pragas. Eu fiz um levantamento dos venenos que os Wajãpi usavam para controlar as pragas na roça.





Atualmente, nós não sabemos usar esses venenos de não-índios de forma correta, usamos de qualquer jeito, porque ninguém nos ensinou como usar de forma correta, por exemplo: quando terminamos de usar o veneno, nós jogamos a embalagem em qualquer lugar (no rio, perto da casa, no chão). Depois disso traz muitos problemas de saúde, por isso estamos vivendo no meio de doenças, e pegamos muitas doenças diferentes.

Quando eu entrevistei os mais velhos, eles contaram muitas coisas sobre os venenos tradicionais dos Wajãpi, que não traziam doenças e todo mundo vivia com boa saúde.

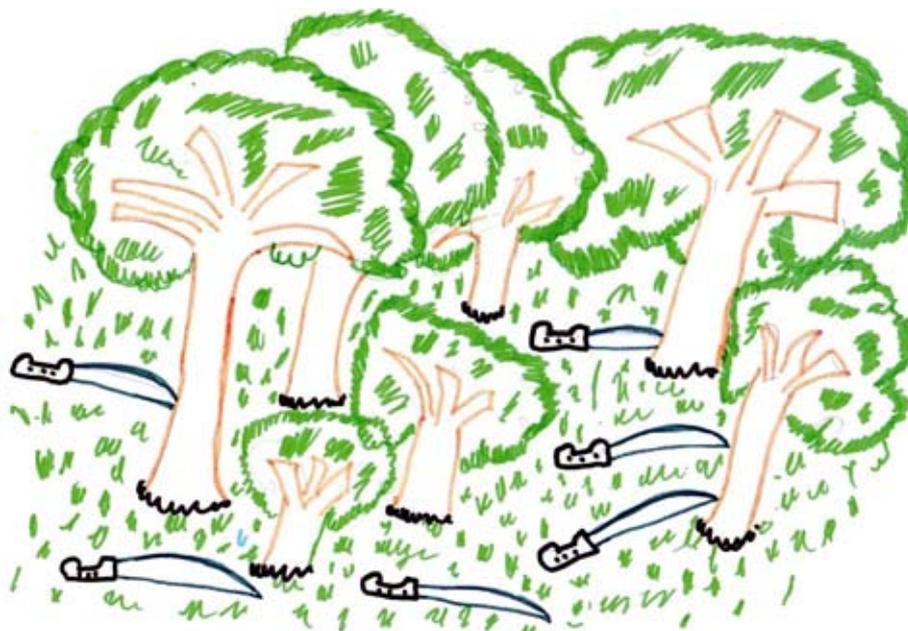
Maní'y rera kō. Tipos de mandioca e jeito de plantar.

A minha pesquisa é sobre os tipos de mandioca, os nomes que os Wajãpi dão a elas e o jeito de plantá-las na roça.

Nós temos vários tipos de maniva, cada um diferente do outro. Para nós não perdermos os nomes das manivas e para não misturar todos os tipos, a gente planta na roça cada tipo separado do outro, por exemplo, maniva vermelha, amarela, etc. tudo separado.

Antigamente nossas avós plantavam somente manivas próprias dos Wajãpi. Recentemente nós misturamos todo tipo de maniva. Eu vou pesquisar o nome de cada tipo que os Wajãpi ainda têm.





Nas conversas com os mais velhos eles me falaram que no tempo dos nossos antepassados o jeito de trabalhar na roça era diferente de hoje. Os mais velhos também me contaram relatos dos antepassados que dizem que antigamente os Wajãpi não precisavam trabalhar na roça, pois no começo dos tempos, o terçado roçava sozinho e o machado derrubava a roça sozinho. Foi quando *Janejarã*, o nosso criador, conversava com os *taivigwerã* (nossos ancestrais) e falava: "você não precisa trabalhar na roça". Mas *taivigwerã* não acreditaram na palavra de *Janejarã* e respondiam: "Nós queremos trabalhar, não é bom quando nós não trabalhamos". *Janejarã* falava: "não pode trabalhar", falava sério. Mas *taivigwerã* respondia: "Vamos trabalhar assim mesmo". *Janejarã* ficou muito bravo e tirou a alma do machado e do terçado e, por isso, o machado não derruba mais árvores sozinho. Agora somos nós mesmos que trabalhamos com o machado e o terçado.

Antes eu não sabia muito sobre esse assunto da minha pesquisa. Agora eu conheço melhor essas histórias de antigamente.



Pajawaru. O caxiri pajawaru e outros tipos de caxiri.

Eu pesquiso sobre os tipos de caxiri e especialmente sobre um tipo de caxiri, o *pajawaru*. Eu escolhi esse tema porque as mulheres wajãpi não fazem mais esse tipo de caxiri. Eu acho que é importante conhecer esse tipo de saber no futuro.



Eu quero descobrir como que prepara o *pajawaru*. Antes eu não sabia que existia esse tipo de caxiri.

Eu quero descobrir muitas coisas sobre esse tipo de caxiri: como é a preparação; o que se faz antes de preparar, onde se prepara, se tem mandioca própria ou se qualquer tipo de mandioca serve para preparar, quanto tempo espera para tomar ou se toma no mesmo dia. Eu fui conversar com várias senhoras wajãpi sobre isso.



Por exemplo, conversei com Pororipa e ela me explicou que tem que fazer resguardo antes de preparar *pajawaru*. No outro dia, fui conversar com Waivigatu e ela me explicou que não tem mandioca própria para fazer esse tipo de caxiri. Depois eu fui conversar com Pisika, ela me explicou que existe um tipo de mandioca para a preparação desse tipo de caxiri. Antes de preparar o *pajawaru* tem que fazer resguardo por três dias. Não pode pegar lenha suja, nem pimenta, etc. Depois de três dias a gente pinta o corpo com urucum antes de ir para a roça.

É assim: as mulheres wajãpi têm conhecimentos diferentes sobre a preparação do caxiri e não contaram a mesma coisa sobre o jeito de preparar o *pajawaru*. Mas elas gostaram muito de explicar sobre *pajawaru*.



Pajawaru é diferente de outros tipos de caxiri. Além desse, estou pesquisando outros tipos de caxiri que fazemos: *kasiri pupura* e caxiri que fazemos com *manio ja' u, jity, mikoro, pako, pypyj, namu' o, wariu* e *kara*.

Eu não terminei toda minha pesquisa ainda, vou continuar fazendo.

Mijarã posa rewarã. Remédios de caça.

A minha pesquisa é sobre os remédios que Wajãpi usa para conseguir a caça. Os remédios de caça são muito importantes para nós, pois são usados para não ficarmos *panema*, e termos sucesso na caça. As mulheres não usam esses remédios, somente os rapazes e os homens adultos.

Esses remédios são feitos de vários tipos de ingredientes, principalmente plantas que temos na roça e no pátio das casas. A gente mistura esses ingredientes com água e depois aplicamos nos braços para não errarmos os bichos no mato, como caititu, cutia, mutum, jacamim, veado, a anta, etc.



Javi posa

Na minha pesquisa, eu quero descobrir vários conhecimentos sobre os remédios de caça. Por exemplo: onde a gente planta na roça; em que estação que eles nascem; como se produzem; como são usados. Quando os *jovijãgwerã* (os nossos chefes) contaram para mim as histórias de remédios de caça, explicaram bem e eu consegui aprender muitas coisas.

Se a gente não usa esses remédios, a gente não consegue matar caça e ficamos *panema*. Por isso, nós vamos usar sempre esses remédios. Eles são muito importantes para nós e não podemos perdê-los. Nós vamos sempre continuar plantando-os nas roças.



Ajãreaty

Manyju rewarã. Pesquisando tipos de algodão.

A minha pesquisa é sobre os tipos de algodão usados pelos Wajãpi. Essa pesquisa é para as crianças. Para que elas conheçam melhor como usamos o algodão para fazer redes, tipóias e outras coisas. Usamos diferentes tipos de algodão e, com eles, fazemos muitos tipos de fios diferentes, um tipo para cada coisa: rede, ou tipóia, ou corda, ou amarração de colar, ou de enfeites.



yvyra rewarã

pesquisando árvores

Kupenã

Yvyra rewarã. Pesquisando as árvores.

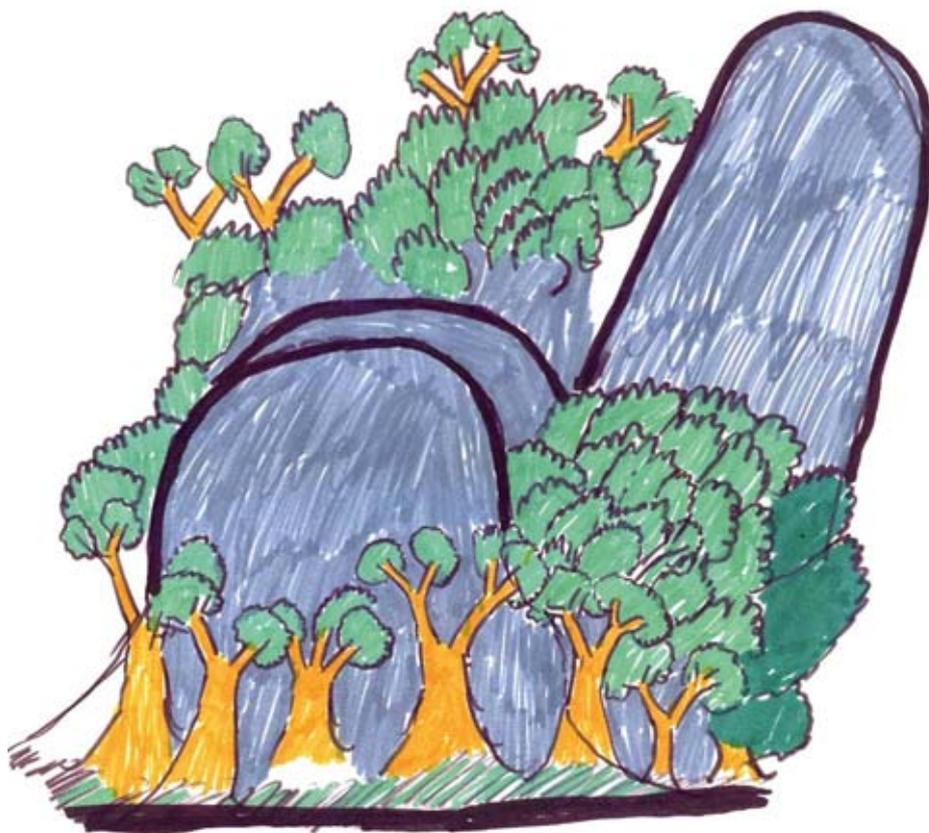


Minha pesquisa e conhecimento dos Wajãpi sobre árvores da floresta. Eu vou estudar os tipos de árvores que vivem em cada lugar: igapó, morro, montanha, etc. Por exemplo: no igapó, cresce mata baixa e mata alta cresce na montanha.

Também pesquiso quais as árvores mais duras, quais as árvores mais moles, quais as árvores que usamos para construir casas. Quero pesquisar os tipos de árvore que tem frutas e explica como os Wajãpi separam essas árvores: tem frutas que a gente não come, tem outras frutas que a gente come e tem frutas que animais comem. Quero descobrir como são e quais são as árvores que a gente usa para fazer remédio.

Por isso, o planejamento de minha pesquisa é assim:

- organizar os tipos de árvores de acordo com o jeito que os Wajãpi separam essas árvores;
- organizar os tipos de árvores de acordo com as frutas e o jeito que os Wajãpi separam esse tipo de frutas;
- fazer perguntas sobre cada árvore: onde fica cada tipo, onde tem e onde não tem, quais são as árvores que tem pajé e aquelas que não tem; quais são as árvores mais duras e mais moles; quais árvores são usadas para as casas e quais são as que não servem.



Eu já descobri muitas coisas que os velhos contaram para mim sobre as árvores da floresta. Tudo isso é importante para depois poder contar para os meus filhos e netos, no futuro. Se eu não aprender sobre esses conhecimentos, meus filhos e netos não vão conhecer os nomes das árvores.



Vyva, paira. Flechas e arcos.



Minha pesquisa é sobre flechas, que chamamos *vyva*. Antigamente, os Wajãpi não tinham essa planta, não conheciam. Depois, alguns grupos wajãpi conseguiram pés de flecha e o pessoal de outras aldeias ia buscar para também plantar nas suas roças. Quem plantou flecha primeiro, conseguiu com outro povo indígena. Quando os antigos Wajãpi conseguiram essas mudas para plantar, ficaram muito felizes. Depois, todos os Wajãpi plantaram *vyva* nas suas roças e iam tirando para fazer flechas. E começaram a fazer muitas flechas, que eram para matar os inimigos e também matar a caça.

Por isso, antes de todo mundo plantar flecha, existiam os donos das flechas, que nós chamávamos de *Kwara'y rã kō*. São eles que tinham flechas e foi *tamō Wyramo'í* quem trouxe primeiro para plantar. Aí espalhou e todos nós, agora, temos flechas.



Antes disso, nossos antepassados só faziam flecha de *kwã'ã*, que não era plantado. *Tãmo kō*, nossos avôs, não matavam os bichos que vivem nas árvores com as flechas feitas de *kwã'ã*, porque essas flechas são muito pesadas. Eles só matavam os bichos da terra.

Na época, também não tinham arcos feitos de *paira*. Eles faziam seus arcos com madeira da árvore que chamamos *tarakwa'y*. Por isso chamávamos esses arcos de *tarakwa'y rapama*.

Antigamente, *taivígwerã kō*, nossos antepassados, faziam guerra com arco e flechas. Os guerreiros, no tempo de *taivígwerã* eram muito fortes, porque lançavam chuvas de flechas e conseguiam matar muitos inimigos. Morriam menos dos nossos antepassados que inimigos.

Também existiam, antigamente, os donos do arco. Eram chamados *ja'y kyy*. Foram eles que ofereceram o arco de *paira* aos nossos antepassados. Também foram eles que ensinaram aos *taivígwerã* os diferentes tipos de arco, feitos com madeira de *pairawiri*, *paira pirã*, *paira pikonã*, *pairasi*, *paira warapa'y*.



Quem são os pesquisadores wajãpi

Sou Nazaré, meu nome é **Ajãreaty**. O meu pai, Paseta, casou com a minha mãe Koroamorã. A primeira filha dos meus pais chama-se Nawai, depois minha mãe engravidou de novo, era eu. Eu nasci na aldeia Mariry em 1960. Depois meus pais mudaram de aldeia e foram para a aldeia Inipuku, foi lá que eu cresci. Eu sou casada, o nome do meu marido é Marãte. Eu tenho oito filhos, os nomes deles são: Visenĩ, Namaira, Naima, Naira, Muni, Ripa'e, Marakujawarã e Karota. Estudei com Neide, com Aurélio, com Maria Lúcia. Parei de estudar em 2002 com a professora Alaíde.



Meu nome é **Ana**. Eu nasci na aldeia Taitetuwa no dia 18/07/1980. Depois eu fui morar na aldeia Aramirã. Desde 2002 eu moro na aldeia Pairakae. O nome do meu pai é Kumaré e o da minha mãe Singau. Eu tenho 3 irmãs e 6 irmãos. Os nomes das minhas irmãs são Sororo, Masau e Sikomã. Os nomes dos meus irmãos são Asurui, Kaviana, Wyrapa'ar, Maware, Tasera e Kelson. Eu tenho uma filha. Ela nasceu no Aramirã no dia 11/10/1997 e o nome dela é Iana. Eu aprendi a escrever com Jader em 1990. Depois eu estudei com Aurélio, Sueli, Maria Lúcia e Alaíde.

Eu me chamo **Janaimã**. Eu moro na aldeia Tajau'ywry e na aldeia Mariry também. Nasci na aldeia Janypa'i no dia 17/04/82. Sou casado e o nome da minha esposa é Mawi. Eu tenho dois filhos e os nomes deles são Peroni e Janainã. Os nomes dos meus irmãos são Juani, Teuma, Sara, Soarã, Tukuju, Narã, Jawarimy. O nome do meu pai é Turu e da minha mãe é Masisiku. Eles moram na aldeia Tajay'ywry. Eu aprendi a escrever com o professor Visenĩ aos 14 anos, em 1998. Estudei também com o professor Evilázio em 1999, com Maria Lúcia em 2002 e depois com o professor Jorge em 2003.



Meu nome é **Japu**, eu tenho 26 anos. Eu nasci na aldeia Kapuwera. Meu pai se chama Paranawari, minha mãe se chama Patuku. A minha outra mãe se chama Kapu'a. Meus irmãos e irmãs se chamam Ripe, Jururi, Jawapini, Kõmaja, Tukuruwe, Japu, Jawajea, Juje, Kuresisi, Masakão. Eu sou casado com Paniu. Eu tenho dois filhos. Os nomes deles são Jakerina e Kainawa. Meu sogro se chama Suína, a minha sogra se chama Pisika. Eu moro na aldeia Okora'yry, antes eu morava na aldeia Pypyiny. Eu aprendi a escrever com Maria Lucia, em 2001, depois estudei com Alaíde, depois estudei com o professor Sekĩ, em 2002.

Meu nome é **Japukuriwa**. Eu nasci em 1986 na aldeia Kapuwera. Meu pai se chama Turuku'a. Minha mãe se chama Sare. Meus irmãos e irmãs se chamam Tari, Ana'i e Wajari. Eu sou casado com Jatuni, mas eu me separei. Tenho uma filha, o nome dela é Jakieni. Eu morava na aldeia Ytape e agora eu moro na aldeia Karavõvõ, mas eu vou morar na aldeia Ytape. Aprendi a escrever em 1999 com o professor Kaitona e com o professor Makaratu. Depois, estudei com Francisca e depois com Rangel.



O meu nome é **Jatuta**. Eu nasci 1989 na aldeia Mariry. Eu sou casado com a filha do cacique Kumaré. O nome da minha esposa é Sikomã. Ela mora na aldeia Pairakae. Eu moro na aldeia Mariry e, além disso, moro também na aldeia Najaty. O nome do meu pai é Piku'i e o nome da minha mãe é Arawani. A minha mãe tem 5 filhas. Uma das minhas irmãs, Mirika, se casou com o filho do Tarku'así, Marawa. Eles têm uma filha e um filho. Uma outra irmã minha, Kumu'a, se casou com o filho do Kumaré, Wyrapa'ará. Eles ainda não têm filhos. Os nomes dos meus outros irmãos e irmãs são Mirika, Kunu'a, Maro, Kajani, Takiriri, Tapeke, Wyramo'í. Eu aprendi a ler e escrever em 1999 com o professor Tarku'así, depois estudei com o professor Aikyry. Ele me ensinou por dois anos em língua Wajãpi. Depois estudei com a professora Elivânia em 2004 e 2005.

Eu me chamo **Jawapuku**. Eu moro na aldeia Kwapo'ywry. Eu nasci na aldeia Taitetuwa, no dia 26/06/1976. Eu sou casado. O nome de minha esposa é Namaira, ela nasceu aqui no Aramirã, no dia 26/06/1982. Eu tenho quatro filhas e um menino. Elas nasceram no Aramirã. O nome das minhas filhas é Naira, Naini, Deni, Katie, Janara. O nome do meu pai é Suinã e o nome da minha mãe é Pisika. Eles moram na aldeia Okora'yry. Eu sou presidente do Conselho das aldeias Wajãpi, Apina. Comecei a estudar em 1983, com Neide, Chico, Jáder, Jese, Aurélio. Aprendi a escrever em português em 1990, aos 15 anos. Naquela época estudei com Sueli, Maria Lúcia, Miriam, Marli, Alaíde.



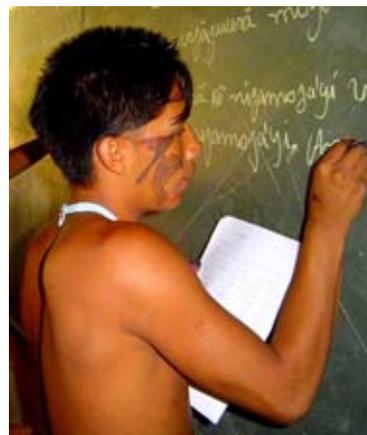
Eu me chamo **Jawaruwa**. Nasci na aldeia Mariry no dia 20/06/86. Os meus pais se chamam Wyrakatu e Nekuja. Eles agora estão vivendo na aldeia Okakai, no limite norte da Terra Indígena Wajãpi. Eles também moram na aldeia Mariry. Essa aldeia é mais velha e lá ficam o posto de saúde e a escola. Eu moro nas aldeias Mariry, Okakai e Aramirã. Eu larguei a minha primeira esposa. Tenho um filho que se chama Jekiwaiky. Eu casei de novo com a filha de Ajareaty, minha esposa se chama Moní, que nasceu em 1993. Casei com ela em 2006, depois do curso de Formação

Básica. Estudei com o professor Maserá em 1994, com 8 anos, com Makaratu em 1994, e em 1999, com Aikyry. Depois estudei com Elivânia, com Alberto Max e Jorge.



Meu nome é **Kariki**, eu tenho 25 anos. Eu nasci no Mariry. Meu pai faleceu, minha mãe se chama Jeremã. Meus irmãos e irmãs se chamam Nameu, Tuwai, Janeanã, Sarinã e Sani. Eu sou casado com Arawijari. Eu tenho dois filhos, o nome deles é Semosu e Tamai. O nome de meu sogro é Japarupi e o nome de minha sogra é Eliana. Antes eu morava na aldeia Pypyiny. Agora eu moro na aldeia de meu sogro, Manilha. Eu aprendi a escrever com o professor Japarupi e estudei com a professora Elivânia em 2001, depois com o professor Matias.

Meu nome é **Kupena**, nasci na aldeia Ytuwasu no dia 18/04/84. Sou casado e o nome da minha esposa é Sanã, ela é estudante e tem 18 anos. Meu pai é Jonime, ele faleceu. O nome da minha mãe é Werere. Eu tenho uma irmã e dois irmãos. Eu moro atualmente na aldeia Mariry porque eu casei lá, mas a minha aldeia é Tajau'ywry. Aprendi a escrever com 10 anos, com o professor Calbi e com o professor Visení. Também estudei com o professor Parara. Depois estudei com Sueli e com Evilasio, em 1999, depois com Jorge.



Meu nome é **Kuripi**. Eu nasci em um lugar chamado Rio Feliz no dia 18/04/85. O nome do meu pai é Kaiku e o da minha mãe é Piripa. Eu tenho 10 irmãos. Meu irmão mais velho se casou com a filha de Mikutu. Esse irmão teve quatro filhas. Os nomes delas são Mareni, Nairi, Natairani, Sukaira. Uma das minhas irmãs se casou com um filho do Wyrakatu e ela tem três filhos dois homens e uma mulher, os nomes deles são Kamani, Aeni e Sarairu. Uma outra irmã minha se casou com o filho do Pajari e ela tem dois filhos. Os nomes deles são Samana e o Jomaikõ. Uma outra irmã se casou com o filho do Ku'a e tem uma filha. O nome dela é Jamaiani.

Agora nós moramos na aldeia Yvyrareta. Os nomes dos meus irmãos são Arikima, Aru'o Mariani, Jawari, Wyrakari, Karipirir, Kyiri Kireni, e Tapaikura. Entre meus irmãos e irmãs, seis são casados. Eu casei com a filha de Muru. Eu tenho dois filhos. Os nomes deles são Pasireu e Makitani/ Sariani. Aprendi a escrever em 1998, aos 8 anos, com Edson, Kaitona, Makaratu, Eljane, Francisco e depois Rangel até 2004.



Eu me chamo **Marãte**. Eu nasci na aldeia Pypyiny. A data do meu nascimento é 15/01/76. Eu vivo na aldeia Kwapo'ywry, próximo ao Aramirã. Eu moro também nas aldeias Jiruruwy e Kujari. Eu sou casado. O nome da minha esposa é Ajãreaty. Tenho uma filha. O nome dela é Karota. Meu pai se chama Taoka e mora na aldeia Jakare. Minha mãe já morreu. Aprendi a escrever com Rangel em 1990, aos 12 anos. Parei de estudar no tempo dos professores Sueli, Aurélio e Eliane. Em 2000, recomecei a estudar com Maria Lúcia, depois com Alaíde.

Eu me chamo **Marawa**, eu nasci em um lugar chamado Yjpi'jonã. Agora eu vivo na aldeia Najaty. Eu sou casado e tenho uma filha. O nome do meu pai é Taraku'así. O nome da minha mãe Erikie. Eu tenho oito irmãos. Meu avô ainda está vivo, ele tem duas esposas. Aprendi a escrever com o professor Tapenaiky em 1997, quando eu tinha 8 anos. Estudei também com os professores Taraku'así e Aikyry. Depois estudei com Elivânia, de 2001.



Eu me chamo **Pasiku**. Eu nasci na aldeia Mariry no dia 13/07/98. Meus pais se chamam Pajari e Tua. Eles moram nas aldeias Mariry e Kurawary. Eu sou casado e tenho um filho, que se chama Majorã. Eu moro na aldeia Mariry. Aprendi a escrever aos 9 anos com o professor Japaropi. Depois fiquei um tempo sem estudar. Depois estudei com Max quando eu tinha 14 anos, com Elivânia e Jorge.

Eu me chamo **Patire**. Eu nasci na aldeia Pypyiny em 27/01/85. Eu moro na aldeia Ytape e também no Karavõvõ. O meu pai se chama Ripe e minha mãe Pakita. Eles moram na aldeia Karavõvõ. Eu sou casado e minha esposa se chama Tari. Eu tenho um filho que se chama Ararika e nasceu em 23/04/05. Eu aprendi a escrever quando eu tinha 14 anos, com o professor Visení, foi em 1999. Depois eu voltei para Pypyiny e fiquei sem estudar porque lá não tinha professor. Depois eu voltei a estudar em 2002 no Aramirã com Maria Lúcia e com Alaíde em 2003. Em 2004 estudei com o professor Rangel.



Eu me chamo **Rosenã**. Eu nasci no dia 05/11/87, na aldeia Mariry. O nome do meu pai é Siro. O nome da minha mãe é Jiruta. A outra esposa do meu pai se chama Nawai. Agora o meu pai e minha mãe moram na aldeia Kõmakary e na aldeia Aruwa'ity. Mas eles

voltam sempre para a aldeia Mariry, visitar eu e meus irmãos. Eu sou casado, tenho dois filhos. O nome do meu filho é Tapineti, e o nome da minha filha é Kinã. Eu casei com uma filha do Kasiripinã e de Taema. Atualmente eu moro na aldeia Mariry e na aldeia Okakai. Aprendi a escrever com o professor Makaratu em 1994, aos 7 anos. Depois estudei com o professor Aikyry em 1999, depois com Alberto Max em 2000, e com Elivânia e Jorge.



Meu nome é **Saky**. Eu nasci no dia 14/08/82, na aldeia Jakare. Eu sou casado e tenho um filho e uma filha. Os nomes deles são Kamare e Rene. O nome do meu pai é Wyrakatu e o da minha mãe é Nekuja. Agora meus pais vivem num lugar que é chamado de Okakai. Eu casei com uma moça do grupo que mora na aldeia Yvyrareta e agora eu também moro lá, mas a minha aldeia é Mariry. Aprendi a escrever com o professor Tarakuã'sí quando eu tinha 12 anos. Depois estudei com Aikyry e com Alberto Max. Em 2004 estudei com Rangel.

Meu nome é **Sava**. Eu nasci na aldeia Taitetuwa em 1984. Eu sou casado e tenho duas filhas. O nome da minha esposa é Mikiuku, me casei em 2001. O nome do meu pai é Kuruwari e minha mãe Nawyka. Meu pai mora na aldeia Yvyrareta. Eu tenho 3 irmãos e 8 irmãs. Como eu casei em outra aldeia, eu não fico somente na minha aldeia, mas fico também na aldeia meu sogro. Eu aprendi a escrever com o professor Kaitona em 1988. Depois eu aprendi a fazer texto em língua wajãpi com o professor Makaratu. Depois eu aprendi a falar e escrever textos em português com a professora Francisca, depois estudei com Jorge.



Eu me chamo **Serete**. Nasci na aldeia Mariry, em 1984. Meu pai se chama Wyrakatu e minha mãe se chama Nekuja. Eu moro na aldeia Okakai, junto com meu pai e minha mãe. Eu ainda eu não me casei. Aprendi a escrever e ler com professor Taraku'ã'sí quando tinha 11 anos, em 1999. Em 1999 eu também estudei com o professor Alberto Max, depois com Elivânia e com Jorge.

Aprendendo com pesquisa

Eu pesquisei os nomes das árvores, porque eu não sabia muita coisa antes de descobrir pela pesquisa, fazendo entrevistas, anotações. E isso eu descobri com os velhos que contaram para mim. Eu não sabia fazer anotação, organizar, fazer tabela, mas depois eu aprendi. A gente não aprende as coisas logo na primeira vez. O acompanhamento da minha pesquisa na aldeia me ajudou a organizar a pesquisa, me ensinou a escrever sobre a pesquisa. Eu também aprendi a fazer comparação entre o que anotei quando entrevistei diferentes *jovijã kô*, nossos chefes, os mais velhos, e vou continuar até terminar... Para contar para os meus filhos no futuro para eles aprenderem também. Quando eu for velho, aí eu vou contar para eles. Se eu não conheço, como meus filhos e netos vão conhecer as árvores? – Kupena.



Quando eu não fazia pesquisa eu não sabia o que nossos avôs tinham visto no caminho que tomaram rumo à borda da terra. Eu também não sabia as coisas diferentes que os outros chefes contaram. Agora eu consegui aprender quando fui conversar com eles – Japu.

Antes eu não sabia muitas coisas que então eu descobri na minha pesquisa sobre remédios de caça. Eu fui entrevistar os velhos. Anotei muitas coisas no caderno e fiz tabela para organizar a minha pesquisa. Eu fui até outras aldeias para entrevistar outros *jovijãgwerã kô* – Marãte.



Meu primeiro tema de pesquisa foi sobre iniciação dos rapazes *tanôgarerã*. Eu terminei essa primeira pesquisa, embora falte descobrir mais coisas e entrevistar mais os

velhos. Essa pesquisa foi muito importante para mim porque hoje em dia nós não fazemos esse tipo de iniciação. Agora eu escolhi outro tema: a festa de *Jõwaronã*, que



é também muito importante pra mim. Eu não sabia de nada sobre essa festa, mas agora estou começando a aprender os cantos e consegui cantar um pouquinho. Vou conseguir aprender todos os cantos. Mas até agora eu nunca vi nem participei dessa festa – Jawaruwa.

A minha pesquisa é sobre um tipo de *kasiri*, o *pajawaru*. Antes eu não sabia que existia esse tipo de caxiri. Eu descobri muitas coisas fazendo a pesquisa. O que se faz antes de preparar, onde se prepara esse tipo de *kasiri*, eu também aprendi a preparar o *pajawaru*. As senhoras gostaram muito de me explicar sobre *pajawaru* – Ana.



Minha pesquisa é sobre o jeito de fazer sinal. Antes, eu não sabia nada sobre isso, hoje eu sei um pouco. Por isso quero continuar, para entender o conhecimento dos velhos. Eles não viver mais 20 ou 30 anos e quero aproveitar para entrevistar os chefes sábios. Essa minha pesquisa é muito importante para fortalecer a nossa cultura dos Wajãpi – Patire.



As rezas de cura que eu pesquiso são importantes para nós, por isso gostei muito da minha pesquisa. É bom conseguir aprender enquanto os velhos estão vivos. Ainda vou continuar pesquisando, porque ainda não terminei de conversar. Quando terminar de pesquisa esse tema eu vou achar outro tema para pesquisar de novo. No futuro eu vou fazer muitas listas sobre a minha pesquisa – Sava.

Programa de formação de pesquisadores wajãpi

Parceria Iepé / Apina / Nhii



Etapas de desenvolvimento do Programa

Primeira etapa (concluída):

Formação em pesquisa para os professores da turma 1 (veteranos): Módulos de História e Geografia e de Antropologia, que incluíram atividades de Iniciação em Pesquisa, a partir de 2003. Cada um dos 10 professores escolheu um tema e desenvolveu uma pesquisa, que foi apresentada na forma de um relatório final em janeiro de 2006. Além disso, foram realizadas 2 oficinas específicas:

- 1ª oficina de pesquisa (professores bilíngües) – apoio SEED e NHII-USP, julho 2005
- 2ª oficina de pesquisa (professores bilíngües) – apoio SEED e Petrobrás, janeiro 2006

Segunda etapa:

Início da formação da turma de pesquisadores (que incluiu atividades para a continuidade da formação em pesquisa professores veteranos)

- 1º Encontro de pesquisadores Wajãpi – apoio IPHAN e FAPESP, janeiro de 2005
- 1ª Oficina de formação em pesquisa – apoio Petrobrás e FAPESP, março 2005

- 2º Seminário Regional do Iepé “Experiências em pesquisa e gestão de patrimônios culturais indígenas no Amapá e norte do Pará” – novembro 2005, apoio IPHAN e Museu do Índio-Funai

- 1º Curso de formação básica – apoio Petrobrás, abril 2005
- 2º Curso de formação básica – apoio Petrobrás, julho 2006

- 2ª Oficina de formação em pesquisa – apoio Petrobrás, abril 2006
- 3ª Oficina de formação em pesquisa – apoio Petrobrás e LASA, novembro 2006
- 4ª Oficina de formação em pesquisa – apoio LASA, fevereiro 2007
- 5ª Oficina de formação em pesquisa – apoio UNESCO, novembro 2007

- 1º etapa de acompanhamento de pesquisadores – apoio IPHAN, out/novembro 2006
- 2ª etapa de acompanhamento de pesquisadores – apoio IPHAN e LASA, janeiro 2007
- 3ª etapa de acompanhamento de pesquisadores – apoio UNESCO, outubro 2007
- 4ª etapa de acompanhamento de pesquisadores – apoio UNESCO, novembro 2007
- 5ª etapa de acompanhamento de pesquisadores – apoio UNESCO, jan/fevereiro 2007

- Seminário RCA “Experiências indígenas em pesquisa e sistematização de conhecimentos tradicionais” – junho 2007, Iepé e RCA

Congresso LASA "Outras Américas, outros saberes". Participação de Jawapuku e Aikyry Wajãpi, Luis Donisete Benzi Grupioni, setembro 2007

Próximas etapas (previstas):

3º Curso de formação básica – apoio Petrobrás e IPHAN, junho-julho 2008

6º Oficina de formação em pesquisa – apoio UNESCO e IPHAN, julho 2008

6ª etapa de acompanhamento de pesquisadores – apoio UNESCO, setembro 2008

Estágios mensais para pesquisadores wajãpi – apoio IPHAN, ano 2008

Exposição Jane Reko mokasia (Fortalecendo a organização social Wajãpi) – apoio IPHAN e Museu do Índio – FUNAI, junho-setembro 2008

Encontro de Pesquisadores Indígenas do Amapá e norte do Pará – apoio IPHAN, setembro 2008.

Parcerias estabelecidas para o desenvolvimento do Programa

Projetos que apoiaram e apoiam a formação em pesquisa dos Wajãpi:

do NHII-USP:

- *Documentação Wajãpi: memória para o futuro* – FAPESP, 2003 a 2005 (concluído)

da parceria entre NHII-USP, Iepé e Apina:

- *Saberes Wajãpi: Formação de pesquisadores e valorização de registros etnográficos indígenas* – Latin American Studies Association / LASA, 2006 e 2007 (concluído)

do Iepé:

- *Convênio para formação de professores Wajãpi* – SEED, 2003 a 2006 (continuidade solicitada para o período 2007/2008)
- *Valorização e gestão de patrimônios culturais indígenas no Amapá e norte do Pará* – Petrobrás (iniciado em 2005 e a concluir em 2008)
- *Plano de ação para a salvaguarda do conhecimento tradicional e das expressões gráficas e orais dos Wajãpi do Amapá* – UNESCO & Fundo Japonês para a preservação e a promoção do patrimônio cultural imaterial (execução iniciada em agosto 2007, por 18 meses)
- *Plano de Salvaguarda Wajãpi* – IPHAN/MinC, 2004, 2005 e 2006 (execução em 2007-2008) (concluído)

da parceria entre o Apina e o Iepé:

- *Centro de Documentação e Formação Wajãpi* – Petrobrás, aprovado em 2005, construção programada para junho-setembro de 2008
- Ponto de Cultura "*Arte e Vida dos Povos Indígenas do Amapá e norte do Pará*". iniciado em março de 2008, com apoio do IPHAN.

Como foi feito este caderno de pesquisa

A elaboração deste 4º caderno de pesquisa foi iniciada em 2005, por ocasião do 1º Encontro de Pesquisadores Wajãpi, realizado graças ao Plano de Salvaguarda apoiado pelo IPHAN. Nessa ocasião, os 20 jovens da “turma” de pesquisadores esteve reunida com os 10 professores bilíngües que estavam, na época, concluindo sua formação em magistério.

Cada um dos novos pesquisadores escolheu seu tema de pesquisa, a partir dos conselhos dos “veteranos” e de uma primeira experiência de “pesquisa de campo”, realizada em algumas aldeias, com apoio de Lúcia Szmrecsányi, de Eva Gutjahr e de Silvia Cunha. Com a orientação de Dominique T. Gallois e dos demais membros da equipe, cada um dos novos pesquisadores wajãpi elaborou um planejamento para sua pesquisa. Um 1º caderno de pesquisa foi então organizado, com esses planejamentos iniciais e uma súmula das atividades do encontro.

Três anos se passaram. Todos enfrentaram dificuldades, mas avançaram significativamente no desenvolvimento de suas pesquisas individuais, como também na realização de algumas pesquisas coletivas (como, por exemplo, a que é apresentada no Caderno de Leitura *Jane reko mokasia*, 2008).

Sobretudo, aperfeiçoaram sua formação, através dos cursos e oficinas. Algumas pesquisas estão agora praticamente concluídas, outras mudaram de rumo, outras estão se ampliando. Durante as oficinas, os pesquisadores apresentam e debatem seus resultados, aperfeiçoando também seus textos, sempre redigidos em língua wajãpi. Através do acompanhamento de seus trabalhos nas aldeias – com assessoria de Eva, de Joana Cabral de Oliveira e de Giuliana Henriques – tiveram a oportunidade não só de sistematizar seus dados e de refletir sobre os materiais que estavam reunindo na pesquisa, como puderam apresentar seus trabalhos às famílias das aldeias visitadas.

Enquanto as pesquisas foram evoluindo nas várias etapas de formação, os resumos redigidos em português também foram modificados. É o andamento atual dos trabalhos que apresentamos neste 4º caderno de pesquisa.

A edição final foi realizada por Dominique, que coordena as oficinas de pesquisa, com apoio de outros membros da equipe. Ela organizou o caderno de modo a compor um conjunto de informações atualizadas sobre o Programa de Formação que o Iepé e o Apina espera poder desenvolver e ampliar nos próximos anos, não só para atender o interesse dos pesquisadores, como reconhecendo o incentivo que os *jovijãgwerã*, os “velhos”, os “sabidos” wajãpi vêm dando a essa turma de jovens “pesquisadores”.

Produção do caderno número 4

Organização e edição
Dominique Tilkin Gallois

Colaboração na edição
Igor Scaramuzzi, Silvia Cunha

Fotos
Pesquisadores Wajãpi, Dominique T. Gallois, Eva Gutjahr
Joana C. Oliveira e Giuliana Henriques

Tratamento de imagens
Gabriela Menezes

Desenho da capa
Jawapuku Wajãpi

Realização
Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena – Iepé
Coordenação do Programa Wajãpi: Lúcia Szmrecsányi



Apoio



Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional / MinC
&
Outros Saberes – Latin American Studies Association / LASA

1a Edição – abril de 2008